

Wandrê Guilherme de Campos Lisboa

Professor de Língua Portuguesa do Ministério da Defesa/
Comando da Aeronáutica, lotado no Colégio Tenente Rêgo Barros, em Belém.
Professor-Formador de Professores da SEDUC/PA, lotado na SAEN/CEFOP, em Belém.
PhD em Linguística Geral e Aplicada.
Psicanalista Clínico.

RESUMO

O propósito deste Artigo é trazer à discussão uma possibilidade de ver a Psicanálise contribuindo com o processo de Aprendizagem de infâncias, de juventudes e de adultezes, propondo uma Psicanálise da Aprendizagem na Formação de Professores em Serviço ou em Formação Inicial. Para isso, três conceitos da Psicanálise são desdobrados à cena educativa, mormente em condições de ensino e de aprendizagem. A metodologia usada foi a pesquisa bibliográfica a partir da qual são sugeridas proposições de aplicação na formação inicial e em serviço de Professores. A conclusão a que se chegou é a de que esses três conceitos devem fazer parte da Formação de Professores e de outros sujeitos na arena educacional.

Palavras-chave: psicanálise da aprendizagem; formação de professores; afetividade.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, vamos discutir **conceitos** psicanalíticos como o de *Transferência*, o de *Desejo de Saber* e o de *Sujeito Suposto Saber* de forma a vinculá-los e a indissociá-los ao processo de Aprendizagem Escolar, na tentativa de amadurecer os esforços de cunho epistemológico, na aproximação de dois campos do saber, o da Psicanálise e o da Educação, sem ferir a integridade e a legitimidade dessas duas searas, num encontro fértil e movediço, com vistas a uma possível Psicanálise da Aprendizagem.

É um trabalho primariamente conceitual sem deixar de ser aplicado, justamente porque as condições dos atos de aprendizagem escolar – objeto de reflexão deste estudo monográfico – são sempre imbuídas de circunstâncias de tempo, lugar e sujeitos – elementos fundamentais tanto para a compreensão dos mal-estares de aprendizagem, que estão na esteira das discussões educacionais na atualidade de muitas áreas, como para a viabilidade de ver o processo de Aprendizagem por meio da Psicanálise, se se pensar que a Aprendizagem requer o fortalecimento do Ego dos sujeitos envolvidos na cena de Aprendizagem para que ela seja promovida.

Esta abordagem, a de uma emergente Psicanálise da Aprendizagem, é relevante, urgente e necessária, porque acreditamos que sem querer tornar a sala de aula um *setting* de análise e sem querer tornar o professor um psicanalista, aqueles três conceitos trazidos à luz, diante da atualíssima discussão sobre a Aprendizagem e a Não-Aprendizagem, com todas as suas possíveis nuances de compreensão e de não-compreensão, são o *début* para tentar compreender o que ocorre quando se dá e quando não se dá a aprendizagem esperada, no ponto de vista da Psicanálise, mormente quando pensada a Aprendizagem como fruto do desejo.

Os estudos de Aprendizagem Escolar carecem do contributo da Psicanálise freudiana e de seus sucessores, de seus reinventares e/ou de seus ampliadores de conceitos, como mais uma abordagem a serviço da Educação, especificamente da Pedagogia e mormente da Didática. Porém, mais do que isso: este trabalho quer evidenciar a urgência da Psicanálise em outras ambiências, na intencionalidade de ampliar também o sentido de clínica para além do *setting*, pois tornar consciente aspectos da inconsciência no processo de Aprendizagem Escolar constitui uma revelação ao professor, à professora, aos gestores e aos coordenadores escolares no sentido de otimizar, impulsionar e reinventar a aprendizagem de todos, reiterando ainda o aspecto desejante que está no sujeito-aluno e nos demais sujeitos envolvidos do processo, e do qual ele nem sempre se tem consciência, porque não se vê necessidade; ou melhor, não se via.

A **hipótese** que move esta pesquisa é a ideia não tão embrionária de que esses três aportes conceituais podem contribuir com a metacognição do processo, do qual muitos coparticipam – professor, aluno, coordenação, gestor. Contudo, nesta pesquisa, serão privilegiados dois desses agentes: o professor e o aluno, como agentes imediatos dos desdobramentos teórico-práticos do alcance da Psicanálise na Aprendizagem Humana, implicando, portanto, a necessidade de compreensão dos conceitos acima indicados na própria Formação Inicial de Professores ou na Formação em Serviço.

Como **objetivos**, queremos com este trabalho de pesquisa validar a necessidade de a Psicanálise fazer parte dos saberes necessários à docência do século XXI, com seus conceitos aplicados e atualizados à Educação Escolar, inaugurando praticamente uma perspectiva ainda pouco vislumbrada tanto para a própria Psicanálise como para as Ciências da Educação, a Psicanálise da Aprendizagem, com intuito de inseri-la na Formação em Serviço de Professores de todos os níveis de ensino e modalidades, como também na Formação Inicial, com o objetivo geral de movimentar saberes, informações, ideias e conhecimentos advindos da Psicanálise a otimização da Aprendizagem Humana Escolar.

Na **primeira parte** do trabalho, abordaremos o conceito de Transferência e sua relação com a Aprendizagem, compreendendo que o docente acolhido pela Transferência se constitui mais um elemento acrescido à inconsciência de Aprendizagem do aluno e desse *tópos* passa a ser valorizado antes de o ser escutado. Na **segunda parte**, focaremos no conceito de Desejo de Saber, partindo da compreensão de que o saber

mobiliza o sujeito, o pensamento, o desejo na formação do inconsciente e que esses elementos ora mobilizados têm a ver com a Aprendizagem, ainda que sejam vislumbrados só tardiamente frente aos discursos do Cognitismo, que espera competências escolares pré-estabelecidas, inatas. Na terceira parte, trataremos do conceito de Sujeito Suposto Saber (Sss), de Lacan. Esse terceiro conceito, em forma de sintagma, põe em compreensão a questão de que se há a Transferência impulsionada pelo Desejo de Saber, há também uma representatividade em um sujeito que tudo sabe sobre esse Desejo; logo, a Transferência tem um Sss como um constituinte simbólico em similitude ao que ocorre na outra ponta: o aluno – um sujeito que requer reconhecimento.

Para atingir esses objetivos, as **metodologias** empregadas foram a da pesquisa bibliográfica, cujas fontes principais foram Sigmund Freud, seus sucessores e reinventores – eleita base fundamental da parte bibliográfica; e a da pesquisa aplicada, no sentido de trazer uma proposição de que conceitos do campo psicanalítico sobre Aprendizagem são necessários e urgentes na Formação de Professores em formação inicial ou em serviço, com a intencionalidade geral de discutir conceitos psicanalíticos que possam responder à relação vincular e dialética entre a Aprendizagem e o Inconsciente, vistos pela Psicanálise e não previstos pela Educação, ambas as metodologias sob a perspectiva qualitativa.

Na **conclusão**, faremos um encapsulamento textual de tudo o que fora dito neste trabalho monográfico e sugeriremos propostas de encaminhamento formativo docente na perspectiva de uma teorização de base psicanalítica no tratamento da Aprendizagem.

Aportes conceituais para uma Psicanálise da Aprendizagem

O primeiro conceito, o de Transferência

A Aprendizagem Humana está numa vertiginosa e frenética ecologia informacional, cuja expansão se encontra constante diante da Complexidade de nossos novos tempos (MORIN, 2005). A Aprendizagem, por ser uma das palavras mais elusivas no campo das Humanidades, teve sua expansibilidade semântica e de uso bem mais na seara da Educação do que em outras; daí porque até hoje acreditamos que o lugar de fala desse assunto seja somente dos pedagogos e, agora mais modernamente, por conta do frenesi dos estudos de Complexidade, dos neurocientistas, dos psicopedagogos e dos neuropsicopedagogos.

Embora poucos psicanalistas tenham se debruçado em tratar a Educação à luz da Psicanálise, inclusive com incidência menor de trabalhos escritos e publicados sobre o assunto, comparado a tudo o que é produzido e publicado pela Psicanálise Clínica, é indiscutível e irremediável à docência a compreensibilidade de como se dá o desenvolvimento psíquico de crianças (FREUD, 1913), de pré-adolescentes, de adolescentes, de adultos e da adultez.

Diferentemente do que muitos dizem, Freud contribuiu, ainda que não

diretamente com a Educação, quando ele apontou a influência que os professores exercem sobre as crianças (alunos), numa relação afetiva em Transferência que primariamente vem do pai, da mãe, do responsável, de outro sujeito estimado e respeitado na família (FREUD, 1912 a). Professores e professoras passam a ser Objeto de Transferência, porque passam a ser representatividades também de admiração

A palavra Transferência (de origem latina) tem o mesmo significado de sua correlata semântica em grego: no caso, a palavra *metáfora*. Ambas tratam de transferir: esta transfere o significado de um significante a outro significante; aquela, transfere o afeto de uma pessoa a outra. Em todas as correntes psicanalíticas, a Transferência é provavelmente o elemento mais distintivo das demais práticas psicoterápicas. Na Psicanálise Clínica, a Transferência é tão importante que se ela não se der e não for bem estruturada, os outros procedimentos derivados dela serão ineficazes.

Nos estudos atuais de Aprendizagem, sabemos que a admiração e a estima pelo(a) Professor(a) são fundamentais e são também elementares para a Sociocompreensão, para o *desejo do saber*. Essas Competências Socioemocionais somadas ao respeito pela figura docente são a base substancial diante dos desejos de saber de Um e do Outro. Por muitas vezes nenhum dos dois revelar seus desejos, o sujeito-aluno é o que mais sofre nessa relação de poder, pois, atingido pelo desejo inconsciente do(a) docente, pode ter sua Aprendizagem bloqueada, rasante, até mesmo ambígua: tudo o que a Aprendizagem não deve ser.

Docentes precisam se colocar à escuta, ao diálogo, à interação, à interlocução; não somente à fala. Precisam inclusive escutarem-se. E também serem escutados (PEDROZA, 2010). As linguagens são importantes nisso e sequer são bem aproveitadas na maioria das investidas de ensino-aprendizagem. Somente elas podem fazer a passagem do universo desejante e do prazer para o universo simbólico em que as linguagens são soberanas e revelam as relações afetivas necessárias à Aprendizagem. Sem isso, nada feito. Teremos apenas apreendido uma aprendizagem; a Aprendizagem de fato não ocorrerá.

A estreita relação professor-aluno necessita da maturidade do professor bem antes da maturidade do aluno, na exata medida em que o Professor é um sujeito com dificuldades afetivas tanto quanto qualquer outra pessoa e que só poderá ajudar o Outro, se se ajudar primeiramente; daí porque a necessidade de análise pessoal a docentes em serviço bem como de sua própria iniciação nos estudos psicanalíticos voltados à Aprendizagem, sob a hipótese de que esses saberes ajudá-lo-ão, na elaboração psíquica dos sujeitos envolvidos no processo de Aprendizagem.

Longe de querer tornar a Psicanálise a salvação das questões da Educação, muitos de seus aportes teóricos, além dos três aqui tratados nesse trabalho, podem auxiliar na compreensão dos processos cognitivos menos inteligíveis, porque tem referencial para isso. Por esse e outros motivos que serão expressos ainda nesta monografia que concordamos com a possibilidade de uma teorização fundamentada na Psicanálise com foco na

Aprendizagem, a qual denominamos Psicanálise da Aprendizagem – locução substantiva ainda em pouco uso em ambos os campos de estudo aqui ressaltados.

Sendo assim, como primeiro conceito da Psicanálise relacionado à Aprendizagem e que precisa ser continuamente visto e revisto na Formação de Professores é o de **transferência**: uma condição que requer compromisso com sua construção na formação de sua personalidade e na da dos alunos; um processo que o desafia no desenvolvimento de expedientes de personalidade para enfrentamento e resistência de mal-estares escolares; e é um expediente a favor da Aprendizagem quando associa a figura docente (imagem, personalidade e *modus operandi*) ao objeto de saber, despertando interesse em aprender.

A Transferência, como afirmou Freud no texto *Algumas Reflexões sobre a Psicologia Escolar* (1914/1996, p. 288), não se restringe à relação analista-analisando; mas também é observada na relação professor-aluno por uma série de similitudes com a ambiência familiar. Sabemos, no entanto, que a Transferência pode também não promover condições afirmativas na Aprendizagem, a depender dessa relação professor-aluno em que alguns docentes conscientemente escolhem por não estabelecer vínculos amistosos, dialógicos.

A sala de aula é um encontro de sujeitos – de sujeitos com múltiplas transferências. Compreender isso, sob o ponto de vista da Psicanálise, é uma maneira de colocar a favor da Aprendizagem o deslocamento dessa inconsciência dos envolvidos para potencializar a formação desses mesmos sujeitos, suavizando a relação de poder que naturalmente se dá no espaço da sala e oportunizando a produção e o desenvolvimento de todos, inclusive do próprio professor (NÓVOA, 1992).

No ato de Aprendizagem, a tomada de consciência do assunto de que trata uma aula precisa ser orientada pelo professor, porque, como alunos, eles não são conscientes de todos os atos durante uma aula. Como em casa, os alunos esperam do Professor como esperam do pai, da mãe, do responsável, a orientação de comportamento. Essa transferência é o motor da Aprendizagem, permitindo por meio da fala/escuta a Aprendizagem (Organização) ou a Desaprendizagem (Reorganização) do conteúdo em jogo na aula. A Aprendizagem ocorre nos processos de identificação e de transferência durante a relação do professor com os alunos, dos alunos com o professor e dos alunos com eles mesmos. Aprender é sempre aprender com, é sempre coaprender. Não só com um Outro externo; mas também com um Outro interno.

Os processos transferenciais que coocorrem na sala de aula são, assim como na clínica psicanalítica, provenientes de questões edípicas reeditadas. Essa compreensibilidade deste importante aspecto teórico da clínica precisa ser vista como um facilitador no processo de ensino e aprendizagem; não como um mal.

A transferência se dá em forma de *return* do Complexo de Édipo, o que vai carecer por parte do professor também uma operação de Castração

(...). É uma transferência em forma de repetição (LOURENÇO, 2005). E isso tem importância na Aprendizagem, porque a subjetivação do aluno presume nessa relação o vínculo que pode ser reiterado de forma saudável ou não em prol da Aprendizagem.

O segundo conceito, o Desejo de Saber/de Conhecer/de Aprender

O segundo conceito e que está irremediavelmente ligado ao conceito de Transferência, em se tratando do entorno semântico que foi dado no capítulo anterior, é o Desejo de Saber/Aprender – conceito inaugurado também por Freud e relacionando-o primeiramente a um querer saber sexual ainda nas primeiras infâncias, numa erótica de curiosidade infantil, baseada numa atividade de pulsão do saber.

O saber, o conhecer e, portanto, o aprender, estão relacionados ao desejo. Desejo inconsciente de se querer saber aquilo que falta, ou ainda, de se querer encontrar uma razão para a falta, para a incompreensão (LAJONQUIÈRE, 2004).

O desejo constitui na espécie humana um eixo de vivência, de convivência, de sobrevivência. Somos seres desejanter naturalmente, independente de nossos lugares de ser e de estar. Contudo, é preciso desencarcerar esse desejo, e isso requer da docência, em se tratando de aprendizagem escolar, um movimento de aticamento à curiosidade do sujeito de saber, de Aprendizagem, ou à sua necessidade diante das indicações atuais e futuras da vida.

O movimento desejanter do sujeito está relacionado à falta, à ausência que o sujeito desejanter muitas vezes não tem sequer consciência de que a tem. Quando passa a compreender que precisa ter, que precisa apropriar-se, um impulso passa a fazê-lo realizar o desejo. Esse impulso é a pulsão que o sujeito terá sobre um objeto, a investida à apropriação. O objeto vai mudando conforme o tempo e os espaços. O desejo de saber não, posto que é pulsão. Por isso, somos eternos seres aprendizes.

Em relação à Aprendizagem Escolar, assunto aqui tratado desde o título, o desejo de saber/aprender do aluno precisa dialogar com o desejo de ensinar do Professor, ainda que somente ele mesmo, o aluno, é quem pode ensinar a si a aprendizagem que precisa fazer, percorrer, compreender. O professor deve demonstrar seu conhecimento sem ser exaustivo e conteudista; informar, permitindo a construção do conhecimento do aluno e do seu próprio, em revisão contínua do alcance de sua fala, numa escuta ipsativa – aquela cujas evidências apontam para novos/outros caminhos, reflexivamente.

A questão do protagonismo e da autonomia do aluno, tão requeridas pela Educação Contemporânea e presentes em documentos legais e em currículos escolares no País, comprova a necessidade de que a Aprendizagem, pensada a partir da docência, também requer protagonismo e autonomia do professor, no uso saudável do desejo por meio da Transferência que ocorre sempre durante a aula. Aprender se dá durante a

aula e não necessariamente depois, quando se estuda em casa para fazer prova. Quando se estuda em casa e se aprende, na verdade, recuperam-se os desejos fundantes de aprendizagem, de saber, inicializados em outros momentos.

O Desejo de Saber/de Conhecer/de Aprender nasce da/na passagem do sujeito pelo Narcisismo e pelo Complexo de Édipo (LINKEIS, 1997) (FREUD, 1913). A partir destes momentos psíquicos que o desejo surge e não para de recorrer. A importância desse importante conceito para a Aprendizagem está na compreensão de como o Desejo age sobre o aluno e sobre o professor, bem como na compreensão das consequências dessa ação na Aprendizagem de ambos. É um Desejo que se dá com o mesmo propósito – a Aprendizagem do aluno/de si; ainda que travestido diferentemente com palavras que aparentam ser distintas – o Ensino e a Aprendizagem.

A Aprendizagem, se pensada pela Psicanálise, constitui-se como um ato eivado de componentes afetivos e de processos inconscientes. E isso é um dado importante diante de convicções pedagógicas de até certo tempo, quando se acreditava que a Aprendizagem era um ato totalmente consciente e resultante do nível de inteligência de cada um. Decerto, a contribuição da Psicanálise proveniente de práticas clínicas e, portanto, de experiências individuais, não é a de prescrever ou normatizar a fala/a escuta docentes, como o fez a Didática; mas, sim, a de promover no ato do trabalho docente a reflexão da própria prática, nos momentos de relação com o sujeito-aluno – um tipo de metacognição.

A Aprendizagem de fato vai se dar somente na confluência dos desejos de ambos, quando se ensina de verdade e se aprende de verdade, mesmo diante de tantas informações veiculadas na sala de aula as quais nem sempre se tornam ideias, tampouco conhecimento e, menos ainda, sabedoria.

Pensar a Aprendizagem Escolar pelo viés psicanalítico, trazendo os conceitos de Transferência e de Desejo de Saber, anteriormente tratados e o de Sujeito Suposto Saber, que será tratado em seguida, constitui uma investida epistemológica de ver a Educação por meio da Psicanálise, inspirando aquela por meio desta. Nunca substituir os papéis desses dois profissionais ou mesmo sobrepô-los. Contudo, diante do Inconsciente, agora também constitutivo para a Educação em todas as formas de Aprendizagem, inclusive as não-escolares, é importante que o Professor tenha formação, pois é um constituinte que adota um princípio de simetria (MOLLON, 2005) bem distinto do princípio de assimetria sob o qual se concentram as crenças sobre Aprendizagem no interior escolar, no senso-comum, na mídia não especializada.

O terceiro conceito, o de Sujeito Suposto Saber

O terceiro conceito e que está também relacionado aos conceitos de Transferência e de Desejo de Saber é o de Sujeito Suposto Saber (Sss).

Kupfer (1989, p. 91) afirma que: “a transferência se produz quando o

desejo de saber do aluno se aferra a um elemento particular, que é a pessoa do professor”. Essa representatividade recebe um nome em forma de expressão por Lacan e, tal como a Transferência e o Desejo de Saber, ocorre de forma velada, subliminar às percepções desorientadas.

O conceito de Sujeito Suposto Saber trazido por Lacan começa a fazer parte da engrenagem da operação sociocognitiva chamada Aprendizagem quando ocorrem a Transferência e o Desejo de Saber, materializando na personalidade docente a representação do saber, do agente que dará conta da falta; no caso, do Professor.

Todo esse movimento psíquico, no caso, de transferir e representar o Saber, é derivado de outro aporte da Psicanálise a que Freud deu o nome de Sublimação. A Aprendizagem é uma sublimação. Freud enuncia o termo sublimação e lhe dá contorno conceitual, ao dizer que é o “desvio das forças pulsionais sexuais” (FREUD, 1905/1996, p.78-79) para novos alvos – não sexuais, mas valorizados socialmente, como o são o saber, o conhecer, o aprender.

De 1914 até os dias atuais, quando Freud realmente usa a terminologia, o termo não só ganhou diversas discussões teóricas acerca de sua identificação, caracterização e aplicação como também acabou ganhando uma nuance de termo curinga dentro da nosologia psicanalítica freudiana, mormente na tipologia categorial de defesas produzidas pelos seres humanos diante de seus conflitos apresentados em clínica.

Na Educação, vemos que ao Transferir, Desejar e idealizar um Sujeito Suposto Saber, o sujeito-aluno opera três movimentos psíquicos que contribuem com sua própria Aprendizagem.

Verticalizando mais um pouco a Sublimação e conforme Freud, a Sublimação é a forma de transformar algumas de nossas pulsões sexuais em uma outra energia criativa e estética de vivência exterior. Em outras palavras, um interesse interno se torna um interesse externo; um interesse do Ego torna-se um interesse social.

Essa libido passaria por uma conversão socialmente para ser aceita, visto que aquela que está na internalidade humana não o é, mas que precisa sair, porque é uma energia, uma pulsão com marcas singulares. Entre essas pulsões, está a Pulsão de Saber.

Numa busca virtual de conhecer, de saber, de aprender, o aluno, assim como o analisando em situação clínica, acredita que o Professor, na Clínica, o Analista, é o detentor do saber, a representatividade que vai preencher o vazio trazido à tona pelo próprio aluno no discurso da aula ou materializado pelo Professor no tema da aula. Nesse circuito discursivo, o Professor passa a ser uma autoridade não só no sentido de quem sabe e exerce esse saber mas também de quem exige um comportamento diante desse lugar de fala, o que, ao final, tem a ver com a Aprendizagem percebida ou não pelos dois sujeitos imediatos na cena: professor e aluno. Por isso, a complexidade afetiva na relação entre professor-saberes-aluno-inconsciências tem implicações no ato de Aprendizagem do aluno, e isso não pode mais passar despercebido por professores despercebidos em

Psicanálise e seus contributos sobre Inconsciência.

A compreensão de que professor e aluno são sujeitos está alicerçada na ideia de saber. Para Freud, sujeito é o que sabe, ainda que não saiba que sabe. E o sabe à sua maneira, de forma subjetiva, singular, particular. A escola quer que ele saiba, na personalidade docente, de forma geral, composta, totalizante e igual. É necessário ver sob o viés psicanalítico que a Aprendizagem ocorre em teia, em rede e, portanto, textualmente (MRECH, 2005, p. 153), numa complexidade em que o inconsciente tem papel fundamental também nas consciências mobilizadas pelos métodos, metodologias, técnicas pedagógicas quais forem.

O lugar de fala e a posição no discurso que o professor ocupa diante do aluno, nas ambiências de aprendizagem, precisa despertar no professor um lugar de possível aderência aos atos de fala docente, se compreender que seu discurso didático é também cheio de vazios, numa ambivalência de saber e não saber, de desejo de saber que também tem seu próprio Sss.

Como epistemologia, a Psicanálise é uma teoria sobre os Desejos que são de muitas tipificações, mas que se originam do Desejo de Saber – dos que sabemos e dos que não sabemos e dos que pouco sabemos (Nezan, 2006). Tal como na Clínica Analítica, e com objetivos similares, o Professor precisa buscar o Desejo do aluno, sua ordem desejante, posto que o destino que se dá a esse Desejo pode gerar consequências na Aprendizagem também.

CONCLUSÃO

A proposta aqui trazida à discussão sobre três aportes conceituais da Psicanálise, com vistas à possibilidade de pensar em uma Psicanálise da Aprendizagem, foi a tônica na discussão.

Na perspectiva docente, o trabalho teve o propósito de discutir o fazer educacional-pedagógico, focalmente a questão da Aprendizagem, com base em três conceitos da Psicanálise, já tratados nas páginas dessa pesquisa. E buscamos a Psicanálise para subsidiar a questão por ela ter um aparato sensível ao assunto, quando traz à discussão a experiência do discurso escolar, com características científicas próprias e, na maioria das vezes, cartesianas, em confronto a uma ética da convivência e do reconhecimento de singularidades (Costa, 2013, p.112) tão identitárias da Complexidade.

Com a valorização da palavra e da acessibilidade que ela possa dar, além da compreensão dos conceitos aqui tratados e desdobrados na Educação para infâncias, juventudes e adulezes, não podemos pensar que somente isso vá de fato rever, repensar as práticas de aprendizagem escolar. Não vai porque há anos as Ciências da Educação tentam esse passo a mais e não se dá, não se deu.

A Aprendizagem se inicia, propaga-se e se instaura em processo e na constituição de sujeitos psíquicos, na própria verdade do Desejo de Saber do aluno e do professor. Como se pode querer em Educação que todas os sujeitos-alunos respondam a tudo de uma única maneira se elas não são

iguais, não pensam igual, não externam da mesma maneira? Professores buscam “obter um saber sobre a singularidade de um episódio subjetivo”, o que para a Psicanálise constitui um equívoco, como o disseram Falcão, Lima e Filho, em 2018. Por isso é preciso discutir.

Acreditamos que são os laços, os vínculos processados que promovem a Aprendizagem, muito mais do que informações e conhecimentos (MARIOTTO, 2017, p. 3) ditos em sala de aula. Dessa forma, a Aprendizagem e todo o processo envolvido nela requer da docência conhecimentos que estão além da consciência, da visibilidade, do concreto. Ao transferir virtualmente ao Professor o papel parental de segurança, de apoio, de responsabilidade e ao atribuir-lhe a condição de Sss, o Aluno inicia a transferência simbólica de seu Desejo de Saber a partir das linguagens usadas na aula. São elas que vão dar acesso ao inconsciente, às forças emocionais conflitantes, à inconsciência da Aprendizagem.

Este trabalho foi apenas o pontapé em direção a uma discussão tardia, ainda que sempre presente, entre os que se ocupam com a difícil tarefa de desenvolver pessoas dentro de suas próprias subjetividades e intersubjetividades que, coincidentemente, é o mesmo papel da Educação e da Psicanálise.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA FILHO, José Carlos P de. Aprendizes de Línguas. In *Linguística Aplicada, Ensino de Línguas e Comunicação*, 2007.

ALMEIDA, S. F. C. de. A ética do sujeito no campo educativo. In: Almeida, S. F. C. de (org.). *Psicologia Escolar: ética e competências na formação e atuação profissional*. São Paulo, Alínea, 2003.

ALMEIDA, S. F. C. de. Transmissão da psicanálise a educadores: do ideal pedagógico ao real da (trans)missão educativa. *Estilos da Clínica: revista sobre a infância com problemas*, vol. 11 (21), pp. 14-23, 2006.

COSTA, A. J. A psicanálise em cursos de pedagogia (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, 2013.

FALCÃO, Rafaela de Oliveira, LIMA, Maria Celina Peixoto, & MAIA FILHO, Osterne Nonato. (2018). *Psicanálise e formação de professores: estudo das produções científicas no Brasil*. *Psicologia da Educação*, (47), 79-87. <https://dx.doi.org/10.5935/2175-3520.20180020>.

FREUD, S. *Dinâmica da Transferência*. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud) (1912a). Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, S. Sobre o início do tratamento (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I). Obras Completas, 1913. (Edição Standard Brasileira, Vol. XII.). Rio de Janeiro: Imago, 1976, pp. 161-187

FREUD, S. Algumas sobre a psicologia escolar. Obras Completas (1914), V. 13. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. Prefácio a Juventude Desorientada, de Aichhorn. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., Vol. 19, pp. 305-308). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Original publicado em 1925).

FREUD, S. (1930). O mal-estar na cultura. Tradução de Renato Zwick. Porto ALEGRE, RS: L&PM, 2012.

JORGE, M. A. C. Freud: criador da Psicanálise. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2010.

KUPFER, Maria. C.M. Freud e a Educação: o mestre do impossível. São Paulo: Ed. Scipione, 1989.

KUPFER, Maria C. M. Educação Para o Futuro: psicanálise e educação. São Paulo: Escuta, 2007.

LACAN, Jacques. Seminário 2: O Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise [1954/1955]. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LACAN, J. El Seminario, libro 4: La relación de objeto. Traducción de Enric Berenguer (1956-57). Buenos Aires: Editorial Paidós, 1994.

LACAN, J. El Seminario, libro 7: la ética. Traducción de Diana S. Rabinovich. (1959-60). Buenos Aires: Editorial Paidós, 2011.

LAJONQUIÈRE, Leandro de. O Professor no Divã. Jornal Folha Dirigida. Caderno Educação, Rio de Janeiro, fev. 2004. Disponível em: <<http:paje.fe.usp.br/estrutura/lepsi/fdartig.htm>>. Entrevista concedida ao Jornal.

LAJONQUIÈRE, Leandro de. Figuras do Infantil: a psicanálise na vida cotidiana com as crianças. Petrópolis: Vozes, 2010.

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. Vocabulário de Psicanálise. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2008, p. 494 e 514.

LISBÔA, Wandré G. de C. Os Fios do Tapete: educação por interfaces. Vol.5. Belém, PA: Gráfica e Editora ALVES, 2012.

LOURENÇO, Lara Cristina D'Ávila. Transferência e complexo de Édipo, na obra de Freud: notas sobre os destinos da transferência. [Online]. Disponível em: <[www.scielo.br/j/prc/a/5f9QNYf5ctrCJK8fYtBCwfd/?lang=pt#./](http://www.scielo.br/j/prc/a/5f9QNYf5ctrCJK8fYtBCwfd/?lang=pt#/)>. Acesso em: novembro, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722005000100019>.

MARIOTTO, R. M. M. Algumas contribuições da psicanálise à educação a partir dos conceitos de transferência e discurso. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, n. 64, p. 35-48, abr./jun. 2017.

MEDNICOFF, E. Dossiê Freud. São Paulo, SP: Universos dos livros, 2008.

MOLLON, Phil. O inconsciente. Trad. Carlos Mendes Rosa. Rio de Janeiro: Relume: Ediouro: Segmento-Duetto, 2005. (Conceitos da psicanálise; v. 1).

MORIN, E. (2005). Introdução ao pensamento complexo. Tradução por Eliane Lisboa. Porto Alegre: Ed. Sulina.

MRECH, Leny Magalhães (Org.). O impacto da Psicanálise na educação. São Paulo: Avercap, 2005.

NEZAN, M. de B.C. 2006. Inibição intelectual: manejos clínicos. *Estilos da Clínica*. 11, 20 (jun. 2006), 84-91. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v11i20>, p. 84-91.

NÓVOA, A. (org.) (1992). Os professores e a sua formação. Lisboa, Dom Quixote.

PEDROZA, Regina Lúcia S. Psicanálise e Educação: análise de práticas pedagógicas e formação do professor. In *Psicologia da Educação*, São Paulo, 30, 1º. sem. de 2010, pp. 81-96.

ROUDINESCO, E. Dicionário de Psicanálise. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1944, p. 734.

VASCONCELOS, Flávia. A Pedagogia tomada pelo avesso. Resenha. In *Estilos da Clínica*. São Paulo, v. 18, n. 2, mai./ago. 2013, 417-421.

VIEIRA, Paulo. Conceito de Psicanálise. [Online]. Disponível em: <www.psicanaliseclinica.com/conceito-psicanalise/>. Acesso em: novembro, 2022.

VOLTOLINI, Rinaldo. Educação e Psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

Zimerman, David E. Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica: uma abordagem didática. Porto Alegre.